



ARTÍCULO

Discursos da extrema direita e sociocognição: uma entrevista com Teun van Dijk nos 30 anos da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso

*Discourse of the Radical Right and social cognition:
interview with Teun van Dijk on the 30th anniversary
of the Latin American Association for Discourse Studies*

GISELE AZEVEDO RODRIGUES

ORCID: 0000-0002-0920-8081
Universidade de Brasília
Brasil

TEUN A. VAN DIJK

ORCID: 0000-0001-5394-2630
Centre of Discourse Studies
Espanha

RESUMO

Nesta entrevista, Teun van Dijk comenta as motivações para a criação da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso (ALED), que completa 30 anos em 2025; descreve os principais traços dos discursos produzidos pelos grupos políticos de extrema direita, em especial aqueles marcados pelo populismo e forte polarização ideológica; e apresenta atualizações em suas teorias sobre ideologia e sociocognição. A entrevista foi concedida a Gisele Azevedo Rodrigues no dia 24 de julho de 2025, em Barcelona, Espanha.

PALAVRAS CHAVE: *Discurso. Cognição. Sociedade. Política. Manipulação. Polarização.*

RESUMEN

En esta entrevista, Teun van Dijk comenta las motivaciones para la creación de la Asociación Latinoamericana de Estudios del Discurso (ALED), que cumple 30 años en 2025; describe las principales características de los discursos producidos por los grupos políticos de extrema derecha, especialmente aquellos marcados por el populismo y una fuerte polarización ideológica; y presenta actualizaciones en sus teorías sobre ideología y sociocognición. La entrevista fue concedida a Gisele Azevedo Rodrigues el 24 de julio de 2025, en Barcelona, España.

PALABRAS CLAVE: *Discurso. Cognición. Sociedad. Política. Manipulación. Polarización.*

ABSTRACT

In this interview, Teun van Dijk comments on what motivated the creation of the Latin American Association for Discourse Studies (ALED), which celebrates its 30th anniversary in 2025; describes the main characteristics of the discourse produced by far-right political groups, especially those marked by populism and strong ideological polarization; and presents updates to his theories on ideology and sociocognition. The interview was conducted by Gisele Azevedo Rodrigues on July 24th, 2025, in Barcelona, Spain.

KEYWORDS: *Discourse. Cognition. Society. Politics. Manipulation. Polarization.*

Teun, muito obrigada por esta entrevista, que ganha ainda mais importância no ano em que a Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso completa 30 anos. Você poderia nos falar um pouco sobre o que o motivou a propor, juntamente com Adriana Bolívar, a criação da Aled em 1995?

Durante a minha trajetória, tive a oportunidade de visitar os países da América Latina para dar aulas e participar de congressos, o que me fez conhecer muitos pesquisadores da região. Nos anos 1990, durante uma conversa com Adriana Bolívar, da Universidade Central de Venezuela, comentei sobre uma realidade que acabou motivando a nossa iniciativa: as pessoas da América Latina estavam lendo muito mais coisas de autores da França, Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos que de seus próprios países. Eu achava estranho o fato de que pesquisadores latino-americanos não conheciam uns aos outros mas conheciam muito bem os trabalhos de europeus e norte-americanos em estudos do discurso.

Decidimos, então, criar uma associação de pesquisadores na América Latina que pudesse dar mais visibilidade aos estudos do discurso produzidos em espanhol e português, de forma que os colegas da região se conhecessem melhor e olhassem um pouco mais para a sua própria realidade. Colocamos a ideia em prática e, em 1995, aconteceu em Caracas, na Venezuela, o primeiro encontro da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso. Ficamos muito felizes porque, já na primeira reunião, estiveram presentes representantes de universidades de vários países. Desde então, a Aled promoveu, a cada dois anos, encontros alternados na Argentina, Chile, Brasil, México, Colômbia e República Dominicana. Há hoje uma comunidade grande de pesquisadores latino-americanos que se conhecem, publicam juntos e recorrem uns aos outros em suas investigações na área dos estudos do discurso. Isso é muito valioso e excepcional.

Há alguma iniciativa parecida em outra região do mundo?

Quase vinte anos depois da criação da Aled, comentei com colegas na Espanha sobre a importância de existir na Europa uma associação que reunisse estudiosos do discurso. Em 2013, foi criada, em Sevilha, a Associação de Estudos do Discurso e Sociedade, da qual sou um dos sócios fundadores. A associação recebe contribuições em várias línguas, o que é muito bom. Mas é diferente da Aled, que tem um foco dirigido para uma região específica. E disso eu me orgulho bastante: ter criado, juntamente com Adriana, uma associação com olhar latino-americano para os estudos do discurso, que diversifica as reflexões para além do pensamento de pesquisadores europeus e norte-americanos.

Nos seus estudos sobre discurso e poder, você sempre teve um olhar atento para os problemas sociais da América Latina, não é mesmo?

Sim, sempre tive interesse em estudar as relações sociais e políticas na América Latina durante as minhas pesquisas sobre discurso e abuso de poder. Primeiro escrevi livros sobre discurso e racismo e, mais recentemente, me dediquei ao estudo do discurso antirracista e abolicionista especificamente no Brasil, que resultou em outra publicação.

Falando em publicações, eu gostaria que você comentasse sobre o seu último livro, *Discourse and Ideologies of the Radical Right*, publicado pela editora da Universidade de Cambridge no fim de 2024. Logo na introdução, você anuncia que decidiu atualizar a sua teoria multidisciplinar sobre ideologia. O que o fez propor essa revisão teórica?

Fazia tempo que queria publicar um novo livro sobre ideologia, pois o primeiro que escrevi sobre o tema foi publicado em 1998, portanto já há bastante tempo. Eu propus – e continuo propondo – que a ideologia precisa ser estudada em uma perspectiva multidisciplinar que tenha como base a cognição social, em diálogo com a linguística, com a ciência política, com as ciências sociais em geral. O que trouxe de novidade em 1998 foi a noção de que a ideologia tem duas dimensões: uma cognitiva e outra discursiva. Do ponto de vista cognitivo, para mim é claro que a ideologia está na cabeça das pessoas, não existe fora como algo pronto. É um fenômeno mental. No entanto, não é algo individual. É algo compartilhado. Não existe uma ideologia pessoal, no meu entendimento. A ideologia é fruto da cognição social e existe em um contexto marcado por relações sociais que envolvem pertencimento a grupos e disputas de poder. Para ser estudada, é preciso que se observe a identidade e o conjunto de crenças, normas, valores, ações e objetivos comuns às pessoas de cada grupo que participa dessas disputas. A atualização teórica que faço agora está em propor que, além desses componentes mais gerais e abstratos da ideologia, é preciso estudar as atitudes dos membros dos grupos em relação a temas concretos específicos, como imigração, aborto, porte de armas, eutanásia e tantos outros que costumam dividir opiniões. A luta ideológica se desenrola no bojo das atitudes das pessoas em relação aos diferentes assuntos sociopolíticos, ou *issues*, em inglês.

O que exatamente levou à observação das atitudes como forma de estudar a ideologia?

Nos últimos anos, eu me debrucei bastante sobre os discursos dos grupos que apoiam Donald Trump nos Estados Unidos, Jair Bolsonaro no Brasil e o partido Vox na Espanha. Percebi que esses grupos não têm uma ideologia única. Eles têm ideologias, no plural, que variam de acordo com o país e com a cultura. Esse conjunto de ideologias, que chamo de *cluster*, não é exatamente igual para todo grupo de extrema direita. Em países mais católicos como o Chile, por exemplo, os partidos de extrema direita posicionam-se radicalmente contrários ao aborto. No entanto, em países como Suécia e Holanda, onde o aborto é mais socialmente aceito, a extrema direita não costuma “levantar a bandeira” antiaborto, pois isso não funciona como apelo para mais votos. O mesmo vale para temas como eutanásia e união homoafetiva, entre outros, nos países onde já estão mais pacificados entre a população. Eu me dei conta, então, de que não é possível descrever uma única ideologia de determinado grupo político de direita ou de esquerda, mas sim o conjunto de ideologias do grupo no contexto do país, da cultura e das relações sociais em que está inserido. E, para estudar esse conjunto de ideologias, é preciso analisar como elas se materializam nas atitudes das pessoas em relação aos diferentes temas sociais e políticos que estão no centro do debate público. É aí que ocorre a luta ideológica.

Você poderia falar um pouco mais sobre como se dá a combinação de ideologias nos diferentes grupos políticos?

A mistura de ideologias, ou *cluster*, ocorre tanto nos partidos de direita quanto nos de esquerda. A base ideológica das pessoas de esquerda, por exemplo, costuma reunir valores relacionados ao socialismo, ao ecologismo e ao feminismo, entre outros. Mas interessa saber como essas ideologias são aplicadas na forma de atitudes concretas. Quando pessoas de esquerda escolhem se posicionar a favor de uma reforma tributária que favoreça a distribuição de renda, combatem o desmatamento desregrado ou cobram mais vagas de trabalho para as mulheres, elas estão tomando atitudes que revelam um pouco da sua forma de enxergar o mundo, bem como as necessidades e anseios do grupo ao qual pertencem. Suas ideologias se manifestam por meio de atitudes como essas. Mas é claro que as atitudes das pessoas de esquerda podem variar de acordo com a história, cultura e realidade socioeconômica da região onde elas vivem, pois nem sempre será preciso lutar pelas mesmas coisas. O mesmo vale para as pessoas de direita.

Voltando à segunda dimensão da ideologia que mencionei como uma das bases da minha teoria multidisciplinar, chegamos ao seu componente discursivo. As atitudes que decorrem das ideologias materializam-se todas na forma de discursos produzidos nas diferentes práticas sociais onde se dá a disputa de poder entre os grupos. É como eu disse no meu último livro: a principal expressão das ideologias e atitudes são os discursos produzidos e compartilhados pelos seus respectivos grupos no exercício de suas escolhas e ações; e é também por meio desses discursos que as ideologias e atitudes são adquiridas ou transformadas pelos membros dos grupos. Analisar esses discursos é a nossa tarefa como pesquisadores no campo da ciência crítica.

Quais ideologias ficam mais explícitas nos discursos dos grupos de extrema direita que você analisou?

Eu penso que os grupos de extrema direita se apresentam como reacionários porque, de fato, eles desejam se colocar como uma reação a certas mudanças que vêm reconfigurando as relações sociais e políticas em muitos lugares do mundo desde os anos 1960. Entre essas transformações, estão aquelas que são fruto dos movimentos antirracistas, feministas e pacifistas e da luta pela garantia dos direitos civis, da equidade e dos direitos humanos em geral. Nos anos 1980, o discurso reacionário ganhou força nos Estados Unidos com Ronald Reagan e na Inglaterra com Margaret Thatcher, entre outros países, tendo como foco a defesa da liberdade econômica e a busca de crescimento econômico em detrimento de certas conquistas sociais obtidas com os movimentos das décadas anteriores. A partir dos anos 2000, esse discurso conservador começou a passar por radicalizações, até que a extrema direita se configurou da forma como vemos hoje nos Estados Unidos, na Espanha, no Brasil, na Argentina, na Hungria e em tantos outros países onde a elite econômico-financeira quer conter o avanço das mudanças trazidas pelos movimentos revolucionários dos anos 60 e 70 porque se sente ameaçadas por elas.

Essa elite, então, sem querer disputar com outros grupos os privilégios que sempre teve historicamente, constitui-se como grupo político adversário de imigrantes, pessoas negras, mulheres, pessoas gays e demais grupos minorizados que vinham conquistando mais direitos e tendo mais acesso

a recursos materiais e simbólicos nas últimas décadas. Chamada de “*illiberal*”, a extrema direita mundial não tem muitas propostas originais. O projeto comum é se opor a essas conquistas liberais dos últimos 50 ou 60 anos (aqui é preciso não confundir “conquistas liberais” com o que no Brasil é chamado de pauta liberal, como a defesa do livre mercado e da redução do Estado, associada aos grupos do espectro político de direita). Nos países onde a esquerda está no poder, os “liberais” se reúnem em grupos de oposição que se radicalizam contra as políticas progressistas do governo. Nos países onde os avanços liberais já estão institucionalizados em políticas públicas consensuadas, a extrema direita costuma se voltar com mais atenção e intensidade para pautas de cunho nacionalista.

Nesse cenário, o tema “imigração” acaba sendo uma preocupação frequente entre todos os grupos de extrema direita, em maior ou menor proporção. A xenofobia, que é uma forma de racismo, soma-se ao nacionalismo exacerbado e resulta no nativismo, que é um traço ideológico predominante desses grupos em muitos países da Europa e nos Estados Unidos. Em termos práticos, essa combinação de ideologias resulta na atitude de rejeitar veementemente a presença de imigrantes e refugiados nos territórios nacionais. A forma como essa atitude racista-xenófoba-nacionalista se materializa em discursos nas diferentes práticas sociais precisa estar na pauta de quem estuda ideologia e abuso de poder.

Nos debates legislativos no Brasil, os temas “liberdade” e “igualdade” têm sido cada vez mais mencionados pelos grupos de extrema direita como pautas urgentes. Deputados e senadores de partidos mais conservadores consideram que qualquer iniciativa reguladora do Estado sobre as atividades econômicas atenta contra as liberdades individuais. Eles também entendem que pautas afirmativas de inclusão, como as que garantem cotas de vagas na universidade e em concursos públicos para grupos minorizados, vão contra o princípio da igualdade. É possível dizer que a extrema direita se apropriou de pautas que sempre foram caras aos grupos de esquerda para tratá-las de maneira distorcida e oportunista?

Este é mesmo um fenômeno interessante, que não acontece só no Brasil. Quando estudei os discursos racistas na Inglaterra, há mais de trinta anos, percebi que os políticos conservadores chamavam de “esquerda louca” o grupo que defendia pautas afirmativas de inclusão, alegando que elas atentavam contra os princípios da igualdade e da liberdade. O mesmo aconteceu depois na Espanha e em vários outros países. Mais recentemente, durante a pandemia da Covid-19, vimos a anticiedade e o negacionismo serem praticados por vários governos de extrema direita, que ignoraram a necessidade de isolamento social antes da chegada de uma vacina e, em seguida, combateram a obrigatoriedade de imunização da população sob a alegação de que essas medidas violariam o direito à liberdade individual.

Especificamente quanto ao conceito de liberdade de expressão, penso que há um abuso na forma como tem sido utilizado pela extrema direita, que não comprehende que se trata, politicamente, de uma noção filosófica nascida no século XVIII para descrever o direito do cidadão de se manifestar e lutar contra a opressão das monarquias autoritárias. Tratava-se do direito de ser livre para combater os abusos do rei. E, agora, um grupo de políticos está tratando o tema às avessas, ma-

nipulando o conceito de liberdade de expressão no imaginário das pessoas para naturalizar ofensas, calúnias, desinformação e outros abusos em discursos de deslegitimação contra grupos adversários.

Para os representantes da extrema direita, o direito à liberdade de expressão deve ser o direito de dizer qualquer coisa, inclusive o que contraria as leis, sem que sofram qualquer punição. Ao evocarem esse direito como legítimo, adotam uma estratégia de preservação da face na interação, já que a defesa da liberdade como valor universal sempre soará bem para a audiência. O que esta audiência não percebe, muitas vezes, é que os políticos de extrema direita acabam defendendo, na verdade, o direito de produzir discursos racistas, sexistas, homofóbicos e discriminatórios em geral, abusando do poder de acesso privilegiado ao discurso público que lhes é conferido pelo voto popular. A liberdade de expressão acaba sendo, para esses políticos, o direito de abusar do poder contra pessoas que não têm poder, exatamente o contrário do que buscavam as revoluções liberais do século XVIII na defesa da liberdade.

Você defende, no seu último livro, que o populismo não é uma ideologia, mas sim uma estratégia discursiva adotada pelos diferentes grupos políticos na disputa pelo poder. Poderia falar um pouco sobre isso?

Sim. Apesar de haver uma vasta literatura que associa populismo a um traço ideológico de certos partidos ou movimentos políticos, eu entendo que não se trata de uma ideologia, mas sim de estruturas discursivas que semanticamente polarizam a definição de povo como bom e de elite política e econômica como má. Retoricamente hiperbólicos, são discursos que rivalizam “nós” contra “eles” por meio de generalizações e afirmativas que não comportam meio termo ou relativizações: aquele que não compartilha das mesmas ideologias e objetivos é tratado como adversário. É o que faz Donald Trump, por exemplo, ao descrever políticos de esquerda como inimigos do povo e imigrantes como terroristas, entre outras definições carregadas de estereótipos e preconceitos. Embora defenda os interesses dos mais ricos em um modelo neoliberal e elitista de Estado, o seu discurso tem sido construído sempre de forma a parecer que defende o povo. Então, isso para mim é uma estratégia discursiva, e não uma ideologia. Na verdade, em vários momentos da História, políticos de direita e de esquerda já fizeram uso dessa estratégia para conseguir votos. Mas, na História mais recente, candidatos da extrema direita têm recorrido ao discurso populista de forma muito recorrente.

Ao descrever o populismo como estratégia discursiva, você comenta que nem toda palavra terminada com o sufixo “ismo” é necessariamente uma ideologia. Cita como exemplo o caso de “autoritarismo”, que é uma forma de governo baseada no uso da força e que pode ser adotada por diferentes grupos ideológicos. Na sua visão, é possível definir como ideologia aquilo que no Brasil é chamado “bolsonarismo”?

Penso que não. O que se chama de bolsonarismo no Brasil e de trumpismo nos Estados Unidos são formas datadas de nomear as ideologias da extrema direita. São ideologias que existem há muito tempo na História e se manifestam na forma de discursos populistas que parecem defender o povo

mas que, na verdade, estão a serviço das elites. Seria o mesmo que chamar o nazismo de “hitlerismo”. É preciso dar o nome certo às coisas para que todos saibam exatamente o que elas são.

A que fatores você atribui a adesão de um número cada vez maior de pessoas à extrema direita em várias partes do mundo?

É uma questão complexa, mas acho que posso citar alguns fatores. A extrema direita, ao defender os interesses das elites, naturalmente conta com muito dinheiro para financiar as suas ações. Então, a sua comunicação é sempre bem pensada, diversificada e articulada. O seu discurso populista é extremamente manipulador: joga com as emoções das pessoas por meio da polarização e do medo, aponta culpados para os seus problemas, promete soluções messiânicas e utiliza argumentos falaciosos. Esse tipo de estratégia tem ainda mais sucesso em contexto de crise econômica generalizada, desemprego, imigração em massa e ameaças de guerra, quando as pessoas, ao se sentirem mais vulneráveis, ficam também mais suscetíveis a manipulações. Somado a isso, há o fator religioso. Quando o Estado e a política não atendem às necessidades mais básicas das pessoas, entra a igreja para oferecer conforto e explicações maniqueístas sobre a realidade. Esse cenário é um terreno fértil para a doutrinação ideológica e moral. O ser humano é capaz de matar milhares de pessoas por questões religiosas, é uma coisa terrível. A religião acaba alienando muita gente da realidade. Então, acho que tudo isso favorece o crescimento da extrema direita.

Você acha que a comunicação da esquerda está falhando?

Sim, visivelmente. Eu não saberia apontar soluções ao certo, mas acho que a esquerda poderia ter uma comunicação mais articulada e propositiva, especialmente nas redes sociais. O movimento da extrema direita de demonizar a esquerda é muito forte. Não vejo uma reação à altura.

Qual a sua avaliação sobre as disputas identitárias que se desenrolam no contexto das lutas ideológicas?

A teoria da identidade social começou a se desenvolver nos anos 1970 na Inglaterra, com Henri Tajfel, autor da psicologia social. Ele estudou as circunstâncias nas quais as pessoas se percebem como indivíduos ou como membros de um grupo. A partir daí, várias disciplinas começaram a considerar a importância das identidades sociais no estudo das relações sociais. No contexto das lutas sociais, a busca por direitos incorporou o conceito de identidade de grupo, e passou a se falar mais fortemente em direitos das mulheres, direitos das pessoas negras, direitos das pessoas gays etc., como forma de garantir que os grupos fossem mais ouvidos a partir de suas reivindicações específicas, apresentadas por seus próprios membros. Nesse contexto, é claro que eu acho que o chamado “lugar de fala” é importante e precisa ser respeitado, porque ninguém melhor que uma pessoa do próprio grupo para falar de suas necessidades e desejos. É fato que uma pessoa de fora jamais terá o mesmo olhar e as mesmas experiências.

No entanto, o que eu acho complicado é a tendência de alguns de invalidar ou mesmo interditar a fala de quem, mesmo não pertencendo ao grupo, se manifesta em sua defesa ou formula pensamentos que envolvem seus interesses. Eu, como homem branco do norte da Europa, não iria ficar feliz se, depois de mais de cinquenta anos escrevendo contra o racismo, discriminação e abuso de poder, tivesse o meu trabalho descredibilizado por causa da minha identidade. Sinceramente, acredito que a minha empatia, solidariedade e anseio por transformação da realidade são um bom motivo para o meu engajamento em lutas como essa. Acho que o reconhecimento do lugar de fala das pessoas de um grupo não deveria anular ou diminuir automaticamente a validade do que dizem as pessoas de outros grupos.

Outro ponto sobre o identitarismo é o risco de fragmentação. É claro que existe a interseccionalidade nas relações sociais e isso é uma coisa muito séria. Mulheres negras têm problemas muito diferentes dos problemas das mulheres brancas, por exemplo. Pessoas pobres imigrantes têm muito mais dificuldades em conseguir emprego que pessoas pobres nacionais. Sabemos que as identidades sociais se atravessam e as particularidades de cada grupo nesse cruzamento precisam ser observadas, pois suas histórias e vivências são únicas. No entanto, quando um grupo específico desconsidera ou minimiza as necessidades do outro e os dois grupos entram em disputa, as causas centrais que os unem muitas vezes podem ficar em segundo plano no discurso, e a sua batalha comum contra grupos adversários maiores pode sair prejudicada. Em outras palavras, entendo que as lutas identitárias interseccionais são necessárias, mas não deveriam provocar a divisão dos grupos a ponto de esvaziar ou atrapalhar a sua luta geral contra o machismo, contra a misoginia, contra as desigualdades sociais e contra toda forma de abuso de poder. É preciso cuidado em cada contexto de luta.

O modelo de análise sociocognitiva do discurso que você apresenta pressupõe que a relação entre discurso e sociedade é sempre mediada por representações mentais que operam no processo de produção e compreensão de sentido. Nessa abordagem, têm especial importância os modelos de situação e os modelos de contexto que as pessoas armazenam na memória a partir de suas experiências individuais nas interações sociais e na relação com o mundo exterior. Você fala disso há mais de 40 anos e só mais recentemente a neurociência tem se dedicado ao tema com profundidade, a partir do avanço nos exames de imagem funcionais que permitem analisar a fisiologia do pensamento, da linguagem e da comunicação. Durante esse tempo, você sentiu necessidade de atualizar algum dos conceitos que sustentam o seu modelo de análise sociocognitiva do discurso?

Estou preferindo retomar a noção de “modelo de situação”, que eu trouxe em 1983 com Walter Kintsch no livro *Strategies of Discourse Comprehension*, para descrever especificamente o processo cognitivo responsável pela representação mental de um evento ou situação que experenciamos. Em muitos livros que escrevi depois, eu me referi a essa representação como “modelo mental”, mas o termo passou a ser usado de forma muito genérica pelas diferentes disciplinas que estudam linguagem, discurso e comunicação, bem como pela psicologia, pelos estudos organizacionais e pela ciência da computação. Então, prefiro descrever mais precisamente como modelo

de situação a representação mental que armazenamos das nossas experiências pessoais. Este é um processo que nos permite fazer abstrações, generalizações e categorizações e, a partir disso, compreender discursos sobre eventos ou situações que não chegamos a vivenciar. Os modelos de situação que representam no cérebro as nossas experiências pessoais nos permitem construir e validar conceitos gerais que partilhamos com as pessoas do nosso grupo – a nossa comunidade epistêmica – a respeito do que há no mundo.

Deixe-me dar um exemplo: se vou à praia e mergulho no mar Mediterrâneo, essa experiência pessoal fica armazenada como um "modelo de situação" em minha memória episódica (ou autobiográfica), que é parte da minha memória de longo prazo. Eu ativo esse modelo sempre que falo sobre a experiência com outras pessoas e sempre que tenho a chance de voltar a nadar na praia. Isso me faz consolidar a representação mental do que é a situação "mergulho no mar". Sempre que alguém me contar ter mergulhado no mar, não importa onde, eu saberei do que se trata. A partir do armazenamento das minhas experiências pessoais na memória, sou capaz de produzir abstrações que formam a representação mental de conceitos gerais compartilhados. É isso que me permite compreender histórias que não vivi, porque, ao ouvi-las, aciono a representação desses conceitos e os modelos de situação relacionados a eles.

É claro que as pessoas também podem construir modelos de situação e adquirir conceitos gerais a partir da leitura de livros na infância e de conversas com os pais e cuidadores. Mas isso nunca será o mesmo que aprender com a experiência corporal concreta de ir à praia e sentir a textura da areia, a luz do sol e a temperatura da água do mar. As experiências sensoriais contribuem para codificar os modelos de situação no cérebro de forma mais rica e completa. São exatamente essas experiências que os computadores não podem ter. Por isso, acho que a inteligência artificial será sempre limitada. Mas essa é outra história, assunto para outra entrevista.

A novidade que estou acrescentando à teoria sobre os modelos de situação é que passo a considerar a emoção como parte indissociável das nossas experiências individuais. Nesse sentido, estou me aprofundando em pesquisas que me permitem entender melhor como as emoções vividas durante eventos e situações diversas impactam a construção das suas respectivas representações mentais e o processo de recuperação das memórias armazenadas. Em breve terei algo mais consistente escrito sobre o tema.

Outra atualização na teoria apresentada no livro de 1983 diz respeito à consideração do conceito de "modelo de contexto", que não chegou a ser mencionado à época. Este modelo é a representação mental da situação de comunicação em que se dá a interação social. Importam, então, o propósito dos atos de fala, a identidade e o papel dos atores sociais, o conhecimento presumido dos destinatários a respeito dos tópicos do discurso e o estilo do texto quanto ao nível de formalidade, entre outros elementos que, como esses, relacionam-se em grande parte ao gênero discursivo.

Responsáveis por controlar os aspectos pragmáticos do discurso, os modelos de contexto também ficam armazenados na nossa memória de longo prazo. Assim, quando produzimos um discurso, além do modelo de situação, também acionamos o modelo de contexto mais adequado à interação social correspondente, adaptando o conteúdo e a forma do que desejamos dizer em função das suas características. Se eu tiver a minha bicicleta furtada, por exemplo, vou narrar o evento em um boletim de ocorrência policial e em uma conversa informal com um amigo de maneiras completamente diferentes. Nesses momentos, precisarei acionar modelos de contexto distintos, que me permitirão escrever ou falar da maneira mais apropriada para cada propósito da comunicação.

Esses modelos de contexto são importantes porque a sua aplicação particular interfere no sucesso ou insucesso da estratégia discursiva. E isso, no fundo, tem a ver também com disputa de poder.

Como você enxerga o futuro dos estudos críticos do discurso? Como provocar a mudança social tão desejada pelos analistas do discurso?

Estamos falando de uma disciplina acadêmica, então nosso alcance como pesquisadores junto à sociedade é naturalmente limitado. No entanto, acho que temos um papel muito importante na educação das pessoas. Porque todos os movimentos que buscam mudança social têm a ver com discurso. Política é discurso. Mídia é discurso. Toda manipulação também é discursiva. As pessoas precisam ser educadas de forma que sejam capazes de fazer esse tipo de análise e compreensão crítica da realidade. E isso deve começar nas escolas. Então, nós, que estamos na universidade, precisamos formar professores da educação básica de forma que possam levar os estudos críticos do discurso para as suas salas de aula. Produzir pesquisas com nossos pares é importante. Mas também temos o dever de nos voltarmos para os professores que de fato educam as crianças e os jovens, contribuindo para que estejam aptos a ensinar que nem tudo é o que parece.

Muitíssimo obrigada, Teun.

Referências bibliográficas

- VAN DIJK, T. A.; KINTSCH, W. 1983. Strategies of Discourse Comprehension. London: Academic Press.
- VAN DIJK, T. A. 1998. Ideology: A Multidisciplinary Approach. London: Sage Publications
- VAN DIJK, T. A. 2008. Racismo e Discurso na América Latina. São Paulo: Contexto.
- VAN DIJK, T. A. 2021. Discurso Antirracista no Brasil: da abolição às ações afirmativas. São Paulo: Contexto.
- VAN DIJK, T. A. 2024. Discourse and Ideologies of Extreme Right. Cambridge: Cambridge University Press

GISELE AZEVEDO RODRIGUES. Mestre e doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, na linha de pesquisa Discurso e Sociedade; jornalista; licenciada em Letras-Português; psicopedagoga especializada em Alfabetização e Letramento; psicomotricista.

E-mail: gisele.edu@outlook.com

TEUN A. VAN DIJK. Professor Doutor aposentado da Universidade de Amsterdã e da Universidade Pompeu Fabra, fundador e diretor do Centre of Discourse Studies, em Barcelona. Sua obra constitui-se como um dos pilares teóricos e metodológicos da Análise do Discurso Crítica (ADC). Entre as suas numerosas publicações, destacam-se as dedicadas às relações entre discurso e cognição, discurso e ideologia, discurso e poder, discurso e mídia, discurso e racismo e discurso e movimentos sociais. Van Dijk também é editor dos periódicos *Discourse & Society*, *Discourse Studies* e *Discourse & Communication*.

E-mail: vandijk@discourses.org